

A CRIAÇÃO DE UM BLOG COMO TENTATIVA DE INCLUSÃO DIGITAL: EXPERIÊNCIA COM ALUNOS INDÍGENAS E AFRICANOS NA EDUCAÇÃO SUPERIOR

Monica Filomena Caron¹
Denise Mandowsky²

RESUMO: O trabalho trata de uma experiência de criação de um blog desenvolvida em Projeto de Extensão voltado para alunos indígenas e estrangeiros, no qual se busca contribuir para o desenvolvimento dos processos de inserção desses alunos na universidade pública brasileira. Nesse sentido, o blog pode ser utilizado como ferramenta pedagógica, que apresenta benefícios no processo de ensino e aprendizagem. Destaca-se a importância da educação escolar desenvolver a comunicação entre diferentes culturas, numa perspectiva de conexão entre as culturas dos alunos e a trabalhada na escola. No presente trabalho, os alunos aprenderam a montar o site e alimentar com textos que contam sobre suas culturas e tradições. As reflexões suscitadas pelos depoimentos dos alunos no blog destacam a urgência de uma discussão sobre as variáveis implicadas na mobilidade social no Brasil e entre os povos, do processo de criação e transmissão das desigualdades ao longo do ciclo de vida dos cidadãos, das tentativas de lidar com as desigualdades historicamente acumuladas, garantindo a igualdade de oportunidade e tratamento, bem como buscando compensar perdas provocadas pela discriminação e marginalização, por motivos raciais, étnicos, religiosos, de gênero e outros; e promover o reconhecimento e valorização da história e cultura dos diferentes povos que compõem as nações.

PALAVRAS-CHAVE: cibercultura; ações afirmativas; inclusão digital

ABSTRACT: The work deals with an experience of creating a blog developed in an extension project aimed at indigenous and foreign students, which seeks to contribute in the development of procedures for the insertion of these students in the Brazilian public University. In this sense, the blog can be used as a pedagogical tool, which offers benefits in the process of teaching and learning. It highlights the importance of school education to develop communication between different cultures, in a perspective of connection between the cultures of the students and the one worked at school. In the present work, the students learned how to assemble and draw the site and feed it with texts that tell about their cultures and traditions. The thoughts raised by students testimonials on blog highlight the urgent need for a discussion on the variables involved in the social mobility in Brazil and among peoples, of the process of creation and transmission of inequalities along the lifecycle of citizens, the attempts to deal with the inequalities historically accumulated, ensuring equality of opportunity and treatment, as well as seeking to compensate for losses caused by discrimination and marginalization, due to racially, ethnic, religious, gender and other motivations; and promote the recognition and appreciation of the history and culture of the diverse peoples that make up the Nations.

KEYWORDS: cyberculture; affirmative action; digital inclusion

¹ Docente na Universidade Federal de São Carlos - campus Sorocaba.

² Bióloga e professora na Escola Lourenço Castanho/SP.

“A diversidade deve estar plenamente presente nas universidades, porque é lá onde se produzem os conhecimentos e se provocam mudanças na cabeça das pessoas...” (KAIGANG, 2004)

1. Introdução

O trabalho trata de experiência de criação de um blog desenvolvida em Projeto de Extensão voltado para alunos indígenas e estrangeiros, no qual busca-se contribuir para o desenvolvimento dos processos de inserção desses alunos na universidade pública brasileira. A experiência tem sido desenvolvida no campus Sorocaba da Universidade Federal de São Carlos desde dezembro de 2009 até o presente momento. As reflexões suscitadas pelos depoimentos dos alunos destacam a urgência de uma discussão sobre as variáveis implicadas na mobilidade social no Brasil e entre os povos, do processo de criação e transmissão das desigualdades ao longo do ciclo de vida dos cidadãos, das tentativas de lidar com as desigualdades historicamente acumuladas, garantindo a igualdade de oportunidade e tratamento, bem como buscando compensar perdas provocadas pela discriminação e marginalização, por motivos raciais, étnicos, religiosos, de gênero e outros; e promover o reconhecimento e valorização da história e cultura dos diferentes povos que compõem as nações.

Entende-se que esforços dessa natureza aumentam as possibilidades de acesso à escola, à escrita e a uma formação consistente para diferentes e diversos grupos. Ainda assim, parece-nos que muitos desses grupos permanecem excluídos das práticas de leitura e escrita, são isolados nos contextos educacionais, e muitas vezes rotulados como menores, formando um grupo marginal e desprestigiado, entre tantos outros estigmatizados pelas diferenças, historicamente. À assimetria que é constitutiva do discurso escolar acrescenta-se outra que advém da própria condição do aluno: o estigma que acarreta ser oriundo de grupos historicamente desfavorecidos, a diminuição que o sujeitos sofrem e vivem uma vez que seus saberes e suas práticas não encontram espaço na instituição de ensino em que se inserem.

Nos depoimentos que postam no blog encontramos elementos para pensar/entender como esses alunos representam a universidade, assim como lhes tem sido oferecida, e como lidam com as diferenças linguístico-culturais e com as normas impostas pela instituição; diferenças que envolvem desde a indumentária às condutas, valores, princípios e filosofias de vida aos padrões que compreendem nosso forte comportamento grafocêntrico, específico de uma sociedade letrada. Destaca-se a importância da educação escolar desenvolver a comunicação entre diferentes culturas, numa perspectiva de conexão entre as culturas dos alunos e a trabalhada na escola.

Nesse texto contextualizaremos as questões teóricas que perpassam nosso tema e apresentaremos a experiência e as breves reflexões a que nos permitiram chegar.

2. Ações afirmativas

Um fato positivo que vem mudando no cenário da educação brasileira são os debates sobre o acesso diferenciado de grupos socialmente desfavorecidos ao Ensino Superior; soma-se a esse fato a questão da permanência do indivíduo na vida acadêmica, minimamente assegurada pelas medidas de Ações Afirmativas, que promovem a ideia de fomentar a inclusão dos grupos inferiorizados em algum momento da história, auxiliando assim, o acesso a determinados bens.

No Ensino Superior brasileiro é recente a implementação de Ações Afirmativas. A Conferência de Durban – organizada a partir do debate público e da mobilização política – gerou um documento que abrange recomendações para a adoção de medidas compensatórias e reparatórias, que são pontuais, porém importantes. Dentre as ações previstas estão as cotas nas universidades públicas do país (CORDEIRO, 2010).

No ano de 2000 foi promulgada a primeira lei referente às reservas de vagas nas Universidades Públicas. Posteriormente, essas iniciativas foram se multiplicando de distintas maneiras, sendo algumas direcionadas ao público-alvo definido a partir de critérios sócio-econômicos, outras direcionadas segundo critérios étnico-raciais (CAJUEIRO, 2008). No ano de 2001, no Estado do Paraná, surgiu a primeira ação afirmativa para acesso de indígenas às universidades (CAJUEIRO, 2008).

Por outro lado, estudantes africanos têm ingressado na universidade através do Programa de Estudantes-Convênio de Graduação, o qual se constitui num dos instrumentos de cooperação educacional que o governo brasileiro oferece a outros países em vias de desenvolvimento, especialmente da África e da América Latina (CARON; BRACCIALI, 2010).

No Brasil, a presença dos negros (pretos e pardos), indígenas e mestiços é superior a de brancos. Apesar disso, os negros não são percebidos como iguais, visto que as desigualdades socioeconômicas os mantêm presos nos baixos patamares da escala social. O conformismo – nem sempre consciente – e/ou a violação das regras sociais (como a violência) são os produtos dessa inércia, gerando preconceitos sobre esses indivíduos. Além disso, os indígenas também se deparam com as dificuldades impostas pela localização das universidades – que muitas vezes são distantes das aldeias – somadas às dificuldades de ordem linguística e relativas aos costumes culturais. Como resultado, há uma evasão grande por parte dos indígenas, e aqueles que permanecem diversas vezes são reprovados e o acúmulo de dependências impede a conclusão do curso junto aos alunos de sua turma (CORDEIRO, 2010).

Apesar dos fatos supracitados, do ponto de vista político e social, pode ser vista como um sucesso a presença desses grupos nas universidades e os esforços das comunidades negras (inclusive de origem africana) e indígenas. Destarte, ainda existem problemas de cunho social que esses grupos vêm a enfrentar no decorrer da graduação: o desconhecimento de parte da comunidade das culturas dos povos indígenas e africanos tem gerado uma dificuldade na inserção dos estudantes na comunidade acadêmica

(FERNANDES et al., 2013), inclusive no que se refere aos meios digitais de comunicação.

3. Inclusão digital

A sociedade atual é caracterizada pela informatização dos processos, que por sua vez acarreta na movimentação de grandes fluxos de informação pela internet. Dessa forma, a educação é perpassada por esse fenômeno, como demonstra Silva (2009), ao abordar a importância de uma inserção efetiva dos indivíduos na sociedade da informação. Segundo o autor, a influência cada vez maior das tecnologias e da internet em nossa sociedade chegou a uma tal importância em todos os setores – de finanças, comércio, lazer, educação etc. - que hoje fala-se em “setor quaternário”, ou seja, o setor da economia que se baseia nos processos de disseminação de informação através da internet. Sendo assim, é importante formar “cibercidadãos”, ou seja, cidadãos que efetivamente façam parte dessa cibercultura, que sejam usuários qualificados para utilizar essas tecnologias, de maneira contundente, para si mesmos.

Silva (2009) utiliza a visão do sociólogo Daniel Bell para contextualizar o mundo em que vivemos, a “sociedade da informação”. Nessa sociedade, o principal bem de consumo deixaria de ser o produto fabril e passaria a ser constituído pelos serviços, que por sua vez são produtos diretos da informação, do conhecimento. Essa transformação do principal produto a ser consumido pela sociedade seria fruto da evolução tecnológica e da capacitação intelectual das pessoas. Assim, a categoria profissional central dessa sociedade é a dos “colarinhos brancos”, ou seja, os que têm a melhor educação técnica formal. Todo esse contexto traz para o centro da produção e do consumo da sociedade a informação, no lugar do produto fabril (VIEIRA, 2005).

Além da definição sociológica de “sociedade da informação”, o autor também cita o uso desse termo como o nome de programas de inclusão digital promovidos por vários países de modo a “(...) garantir sua soberania na era digital” (SILVA, 2009). Esses programas compreendem um investimento em tecnologia e na formação tecnológica de seus usuários para que eles possam fazer uso das tecnologias de informação e comunicação.

Devido às possíveis acepções da expressão “sociedade da informação”, Silva (2009) passa a usar um sinônimo para o conceito sociológico desse termo: “cibercultura”. Para conceituá-lo cita Lévy (1999), para quem cibercultura “é o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores, que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço” (SILVA, 2009, p. 79). O ciberespaço é uma mídia de transmissão que rompe com a lógica da mídia de massa, visto que essa simplesmente transmite informações, ao passo que aquela permite que o usuário faça parte do processo de comunicação, manipulando o meio e o conteúdo da informação. Desse modo, o ciberespaço é um espaço de comunicação que permite a rejeição de hierarquias da sociedade industrial centralizada, visto que agora “(...) ganha espaço o modelo de rede de organização e comunicação, que tem raízes na formação

espontânea, igualitária e natural de grupos de pessoas de interesses semelhantes” (SILVA, 2009, p. 80).

Definida a nossa sociedade como um contexto em que predomina o fluxo de informação dentro do ciberespaço, Silva (2009) aborda uma questão preocupante: o paradoxo da perda da capacidade de participação no fluxo de informação dentro de uma sociedade em que esse fluxo é facilitado pelas tecnologias de informação e comunicação; pois “(...) a participação, e não meramente o acesso às tecnologias digitais, é a verdadeira inclusão” (SILVA, 2009, p. 81). Ou seja, a mera possibilidade de acesso às redes virtuais de comunicação não é suficiente para que os usuários estabeleçam um uso efetivo das tecnologias digitais: “(...) mais do que acesso ao ciberespaço, será preciso formação do usuário” (SILVA, 2009, p. 83). Sem essa formação, a internet mantém-se como uma ferramenta do mesmo uso a todo instante: troca de e-mails, trabalhos acadêmicos e profissionais, compra e venda etc.

A formação do usuário, por sua vez, necessita da educação. Os professores devem ser capazes de se formar e formar seus alunos para que eles se insiram na cibercultura. Assim, as dificuldades de acesso dos próprios professores às tecnologias de informação e comunicação têm de ser superadas, para que eles possam formar alunos que sejam cibercidadãos, autores e não meros espectadores nos seus ambientes de conexão. Para que os usuários das redes digitais não sejam apenas fantoches das mídias de massa – que já começam a colonizar o espaço on-line – o cidadão deve ser capaz de atuar no ambiente digital, estando atento às divulgações de informação e sabendo reconstruí-las dentro da rede.

Grande parte dos programas de constituição da “sociedade da informação” – em sua acepção de programa político-governamental – preocupa-se apenas em fornecer o acesso à internet, implantando a infraestrutura necessária ao acesso de usuários em locais que antes não possuíam essa infraestrutura. Essa é uma etapa necessária, porém, como defendido por Silva (2009), os usuários precisam ser capacitados para usar as tecnologias de informação e comunicação sem serem manipulados por agentes de comunicação e de fornecimento de produtos e serviços que usam os ambientes virtuais para transmitir informações tendenciosas ou obter lucro, transformando o consumo consciente em consumismo irrefreado. A capacitação dos usuários também é importante para que eles saibam refletir sobre as informações de qualquer natureza que lhes estejam à disposição na internet. Capacitar esses usuários é uma maneira de fazer com que eles sejam parte do processo de assimilação de informações, e não simples receptores dessas informações.

Fica claro como a sociedade contemporânea é perpassada em vários âmbitos pela acelerada informatização. Sendo a educação um produto do contexto histórico de uma sociedade é necessário entender como o fenômeno da informatização tem influenciado a educação em nossa sociedade.

Arruda (2009) propõe-se analisar as implicações educacionais da inovação tecnológica cada vez mais presente e a maneira com que a organização escolar lida com estudantes sempre mais associados a essa inovação e inseridos no “mundo virtual”. O autor afirma que, em seus estudos, percebeu que as transformações tecnológicas pelas

quais passam a sociedade atual não só são a criação e aprimoramento de técnicas como mudanças de ordem sociocultural. Como embasamento dessa visão, utiliza-se de estudos da sociologia da educação que desenvolvem uma reflexão sobre a formação da consciência na modernidade e constata que a escola é, de fato, um local de formação cultural-profissional de futuras gerações, porém essa posição é cada vez mais incerta devido às constantes inovações tecnológicas e inserções dos estudantes nos espaços virtuais. Nesse contexto, ocorre a criação de situações de ensino-aprendizagem muito diferentes das tradicionais, o que dificulta o trabalho do professor (ARRUDA, 2009).

Arruda (2009) utiliza a definição de Lévy (1997) para definir espaços virtuais como a reprodução de elementos físicos, construída por linhas de programas computacionais. Esses espaços virtuais ocupariam uma parte cada vez maior da vida dos estudantes, o que leva os professores a terem dificuldade em manter a relação docente/discente da maneira como ela é tradicionalmente conceituada: as limitações de espaço/tempo que antes se situavam na sala de aula já não são mais obstáculos à aprendizagem, devido, principalmente, ao advento da internet, que possibilita a tomada de uma quantidade infindável de informações de uma maneira muito rápida. A recém-formada opinião sobre a postura do professor no contexto da vida do aluno imerso em um mundo profundamente tecnológico – a de que o professor deve se tornar um “orientador” do aluno na busca deste pelo conhecimento – não só é uma mudança da relação professor-aluno como uma ruptura com as formas anteriores de ensino e aprendizagem. Tratando da inovação na maneira como se aprende dentro desse mundo tecnológico, o autor cita Johnson (2001, 2005), que diz que o mundo virtual – ícones, hiperlinks, as produções de conhecimento livres e colaborativas da internet – cria capacidades cognitivas diferentes daquelas que são formadas em sala de aula. Essas ferramentas fazem o usuário pensar de forma não linear, conectando informações de diferentes fontes e através de diferentes ferramentas virtuais. Arruda (2009) acredita que a interatividade (com pessoas de diferentes lugares do planeta) que as novas tecnologias proporcionam permite a construção de identidades e novas formas de avaliar o mundo.

Todas essas implicações da inserção dos estudantes no mundo virtual levam o autor a reafirmar que o professor passa por dificuldades em seu trabalho hodierno, na medida em que não se sente como a fonte de informação imprescindível para seus estudantes como esperaria (tradicionalmente) que fosse. O autor conclui dizendo que a configuração da realidade social nesse âmbito é muito complexa e ainda pouco estudada, e que são necessários estudos da sociologia da educação que permitam compreender melhor o impacto das tecnologias não somente no espaço escolar, mas na sociedade como um todo.

Ainda sobre a organização do espaço escolar dentro da estrutura informatizada de nossa sociedade, o artigo de Bonilla (2009) faz uma análise do papel da escola na sociedade contemporânea, na qual as constantes inovações tecnológicas requerem, por parte das instituições de ensino, uma mudança de estruturas e linhas de pensamento pedagógico.

A autora inicia afirmando que uma das principais características da sociedade moderna é a sua estrutura em redes, que “(...) é fluxo, conexão, articulação, ou seja, em

torno da infraestrutura material forma-se um espaço de comunicação que permite articular indivíduos, instituições, comunidades” (BONILLA, 2009, p. 24). Essas redes não mantêm hierarquias ou comandos centrais, elas possuem lógicas de organização horizontal, o que faz com que tenham uma instabilidade que acarreta constantes mudanças e a possibilidade de qualquer pessoa fazer parte dessa rede, manifestando-se e até aprendendo e ensinando através dela. A autora cita Lévy (1998), para quem essas características são a base de um modo de articulação em que cada integrante contribui para o enriquecimento de todo o grupo, o que potencializa processos horizontais nos quais se aprende a conviver com diferentes culturas.

Posteriormente, a autora contextualiza as tecnologias de informação e comunicação como mediadoras da transmissão de informações na sociedade contemporânea e de constantes inovações tecnológicas e inserção da tecnologia no cotidiano das pessoas – as tecnologias de informação e comunicação necessitam ser pensadas como ferramentas de processos de significação, de aprendizagem, de produção de cultura e conhecimento.

Não obstante, essas tecnologias acabam muitas vezes sendo parte de uma exclusão econômico-cultural-informacional. São insuficientes as políticas públicas de “inclusão digital” como costumam ser feitas – de uma maneira quantitativa, possibilitam o acesso à tecnologia em si mesma, mas não ao seu pleno uso, que não leva em conta a capacidade de a pessoa utilizá-la para produção de conhecimento e transformação da dinâmica social. É preciso efetivar a participação das pessoas nas ferramentas providas pelas tecnologias de informação e comunicação – como chats, blogs e quaisquer canais virtuais de comunicação – de forma que elas partilhem informações, aprendam e produzam conhecimento.

Essa participação efetiva e consciente das tecnologias de informação e comunicação, de modo a permitir a troca de informações, experiências e opiniões, retira o privilégio da posse do conhecimento, uma vez que o conhecimento foi gerado dentro da comunidade (BONILLA, 2009). Assim, Bonilla (2009) afirma que a nossa sociedade, mais do que uma “sociedade da informação”, é uma “sociedade do conhecimento”, pois as ferramentas providas pelas tecnologias de informação e comunicação permitem a participação das pessoas em ambientes de ensino e de aprendizagem, o que por sua vez permite que qualquer pessoa, e mais do que isso, qualquer comunidade de pessoas com diferentes culturas e informações, produzam conhecimento.

Constatado o papel das tecnologias de informação e comunicação na sociedade moderna, a autora passa a analisar a maneira como a instituição “escola” tem lidado com essa nova dinâmica da construção de conhecimento, através das redes virtuais. Segundo Bonilla (2009), a instituição possui referenciais de ensino baseados em padrões, com “(...) programas calcados em lógicas lineares e a preocupação demasiada em possibilitar aos educandos o mero acesso a informações, descuidando-se de torná-las significantes” (p. 33). Ou seja, as instituições de ensino não aprenderam a lidar com o modo de vida repleto de tecnologias e ferramentas de comunicação e aprendizagem virtuais em que vivem os seus alunos. Essa distância entre escola e discentes tenta ser suprimida pelas políticas públicas de “inclusão digital”, já mencionadas. E é à margem do processo de tentativa de

adaptação das escolas à visão de mundo dos alunos a partir da inclusão tecnológica que fica o professor, que geralmente não sabe lidar com essa dinâmica proporcionada pelas tecnologias de informação e comunicação. Assim, cabe à escola retrabalhar seu conceito sobre a transmissão de informações e produção do conhecimento, transformando-se no que Bonilla (2009) chama de “escola aprendente”.

A “escola aprendente” seria a escola que reestruturasse sua organização curricular e na qual a tecnologia seria um elemento construtor de novas práticas pedagógicas. Nela, as tecnologias da informação e da comunicação seriam incorporadas aos processos pedagógicos como parte da dinâmica de aprendizagem, o que possibilitaria aos alunos acesso a vasta gama de informações, criando uma organização curricular flexível, o que exige que a instituição escolar mude a sua visão sobre o papel das tecnologias e sobre o seu próprio papel como agente educativo articulado em rede. A escola tem de estar atenta à realidade social, aberta a novas possibilidades de ensino-aprendizagem e de socialização das culturas e individualidades inerentes a cada estudante (BONILLA, 2009).

A autora conclui reafirmando a necessidade da articulação de grupos de professores, comunidades e políticas públicas para que a escola deixe de ater-se ao currículo escolar rígido e à ordem de formação escolar estabelecida para criar um espaço escolar em que as tecnologias de informação e comunicação potencializem a construção de redes. Dessa maneira, os sujeitos que fazem parte da formação escolar dos estudantes – alunos, professores, familiares – podem organizar-se em relações horizontais de partilha de experiências e aprendizado, de forma que a escola torne-se um local em que o conhecimento seja socialmente construído e partilhado, o poder distribuído, as atividades de aprendizagem flexíveis e os membros autônomos (BONILLA, 2009).

É muito pertinente ao nosso tema a análise feita pela autora sobre como a sociedade contemporânea organiza-se em redes e sobre a influência das tecnologias de informação e comunicação na visão de mundo dos estudantes; também é relevante a sua preocupação com uma inserção concreta da tecnologia na escola, juntamente à mudança de postura desta para alterar suas concepções pedagógicas e sociais.

3.1 Os blogs

Os blogs se constituem como espaços virtuais caracterizados pelo uso de uma linguagem específica e seus leitores têm de estar aptos a compreendê-la. Visto que ela é parte de um idioma, ela é estudada dentro do Ensino Básico. Entretanto, como notam Bagno e Rangel (2005), o ensino de língua no Brasil passa por um período de crise, no qual o aprendizado da língua fica deformado, e os alunos não desenvolvem uma capacidade plena de leitura e escrita. Dessa forma, os espaços virtuais podem ser um espaço de análise da percepção, do uso e da construção da linguagem por seus autores e leitores, e todos esses fatores são essenciais para o processo de ensino-aprendizagem de qualquer conteúdo. O termo weblog foi primeiramente usado por Jorn Barger, em 1997, para referir-se a um conjunto de sítios que colecionavam e divulgavam links interessantes na web. Daí o termo “web” + “log”. Naquela época, os weblogs eram poucos e quase

nada diferenciados de um sítio comum na web (RECUERO; AMARAL; MONTARDO, 2009).

KOMESU (2005, p. 99) define blogs como:

(...) uma página web, composta de parágrafos dispostos em ordem cronológica (dos mais aos menos atuais colocados em circulação na rede), atualizada com frequência pelo usuário. O dispositivo permite a qualquer usuário a produção de textos verbais (escritos) e não-verbais (com fotos, desenhos, animações, arquivos de som), a ação de copiar e colar um link e sua publicação na web, de maneira rápida e eficaz, às vezes, praticamente simultânea ao acontecimento que se pretende narrar.

Devido à facilidade na construção de blogs (KOMESU, 2004) estes adquiriram, ao longo dos últimos anos, uma grande importância na transmissão de informações, já que o número de blogs existentes é grande e aumenta rapidamente (LEMOS, 2012) e eles podem ser acessados por qualquer pessoa com conexão à internet; e sua utilização é simples, visto que os usuários não necessitam ter conhecimentos de linguagem de programação.

Sendo cada vez mais populares, os blogs são formas de publicação online que chamam atenção por ser fáceis e simples de usar. Podem servir a diferentes tipos de sítios, dentre eles: noticiários, textos pessoais, redes corporativas; seja como for o formato, os blogs atuam como diários que reúnem uma coletânea de textos, ou posts, que é o nome dado ao conjunto de mensagens publicadas na web, geralmente curtas e organizadas de forma cronológicas (PAZ, 2003).

Alguns conhecidos teóricos, de diferentes áreas das ciências, apontam que as inovações tecnológicas direcionam mudanças culturais e transformações sociais. Observa-se a capacidade e o interesse humanos em flexibilizar as possibilidades de expandir o conhecimento sobre o mundo e de aumentar suas relações. Porém, mesmo com todo esse leque de manifestações em relação a sua importância, os blogs ainda são carentes de um tratamento científico, especialmente na área das ciências sociais (PAZ, 2003).

São muitos os assuntos tratados pelos blogs: páginas pessoais nas quais os autores descrevem fatos de suas vidas pessoais e/ou cotidianas; outros são usados profissionalmente, como fonte de renda; alguns tratam de assuntos específicos e são mormente acessados por um público restrito; pode ser utilizado como ferramenta pedagógica e traz consigo benefícios no processo de ensino e aprendizagem, tais como a motivação, o trabalho em equipe, o incentivo à pesquisa e o desenvolvimento da criatividade.

Em relação ao aprendizado e/ou aprimoramento da língua portuguesa (que se aplica a este caso), pensar em uma abordagem contemporânea para o ensinamento busca como requisito central a compreensão como uma função de uma relação. Assim, algo terá sentido se for tomado em conjunto e em relação a alguma coisa. Aprender uma língua

nessa perspectiva torna-se significativo e isso implica entrar em relações com outro numa busca de experiências profundas, válidas, pessoalmente relevantes, capacitadoras de novas compreensões e mobilizadora para ações subsequentes. O indivíduo cresce numa matriz de relações interativas na língua – alvo que gradualmente se desestrangeira (ALMEIDA FILHO, 2008).

4. Nossos dados

Em nossa experiência os alunos aprenderam a montar o blog e a alimentá-lo com textos que contêm sobre suas culturas, tradições e experiências culturais e estudantis. O motor da iniciativa, para além da inclusão digital, foi a vontade de mostrar às pessoas que dentro da universidade existe uma vasta diversidade cultural. Somado a isso, a crença de que o domínio no uso de computadores e suas ferramentas auxiliaria na graduação e na vida profissional nos dias hodiernos. A ideia de criar o blog teve embasamento na premissa de que para se produzir impactos perceptíveis, mudanças profundas e inovações sustentadas, são necessárias novas compreensões vivenciadas em relação às abordagens de aprender dos alunos e de ensinar dos professores. A abordagem de aprender caracteriza-se pelas maneiras de estudar, de se preparar para o uso, e pelo uso real da língua alvo que se almeja ensinar (ALMEIDA FILHO, 2008).

A atividade teve dois momentos, a saber: a redação a mão de um ou mais textos referentes à sua vida pessoal ou sobre alguma tradição de sua etnia (costumes, religião, lendas, entre outros). As correções destes textos foram feitas na presença do aluno em sala de aula, para que o mesmo praticasse a escrita e alargasse a compreensão do funcionamento da língua portuguesa brasileira. No segundo momento, os alunos assistiram a uma aula expositiva, que apontava os passos para a construção de um blog. Nas aulas seguintes, os próprios alunos passaram a alimentar o sítio com os seus textos.

5. Resultados e discussão

A seguir, apresentamos trechos das redações de alunos indígenas, que nos permitem constatar o domínio (ou a precariedade) no uso da norma culta do português brasileiro, mas também, e principalmente, aspectos singulares das histórias e culturas de diferentes etnias.

Quem somos?

Somos da etnia Rikbaktsa, a palavra Rikbaktsa significa GENTE GUERREIRA. Nós, Rikbaktsa, nos encontramos estabelecidos na região Noroeste de Mato Grosso. Nosso povo tem sofrido ao longo da história muitos danos causados pelas invasões socioculturais, violências e perdas significativas de território.

Antigamente, usávamos somente a canoa de casca da madeira cajueiro, que servia para a travessia de rios, transporte, caça e pesca. Após o contato com os não-índios, com os seringueiros, que trabalhavam na extração da borracha nativa, ao avistarem os Rikbaktsa atravessando o rio de canoa, resolveram chamar o povo de canoeiro [...].”

No trecho selecionado podemos ver que o autor opta por contar do sofrimento vivido pelo seu povo em decorrência das invasões dos não-índios, testemunhando que ao longo da história foram vítimas de violência. Parece-nos que, ao dar-lhe a oportunidade de decidir o tema sobre o qual gostaria de escrever/registrar no blog, decide por falar das suas origens, talvez por que nesse ambiente elas marquem com força sua subjetividade.

Depoimento parecido vemos no trecho que segue, em que o autor conta sobre o contato de grupo de sua etnia com os não-índios:

Embora já pacificados em 1911, durante muito tempo continuaram a existir ataques de seringueiros e posseiros contra os Umitinas. Em 1911 os Umitinas foram atingidos por uma epidemia de sarampo que ocasionou uma despovoação do grupo. Os órfãos foram recolhidos pelo pessoal do posto indígena e por eles educados.

Hoje são casados, seus filhos não falam mais o idioma de seus pais e frequentam a escola do posto, localizada dentro da aldeia Umutina. Depois que ocorreu esse conflito e a epidemia restaram 23 índios ainda aldeados. Estes deram origem aos sobrenomes que hoje os Umitinas legítimos carregam consigo: Amajunepá, Amaxipá, Waquixinepá, Uapodonepá, Kupodunepá, Boroponepá, Soripá, Ariabô, Toriká, Atukuaré, Pará, Baconepá e Manepá.”

Trecho de História do contato Umutina, por M. B.

Na sequência, apresentamos um trecho da redação de uma aluna africana, ingressante pelo PEC-G, que retrata a experiência da chegada ao Brasil para a realização dos estudos, revelando dificuldade na compreensão do idioma.

No primeiro dia na sala de aula, eu me senti muito triste porque estava com dificuldade de compreender os professores e as matérias. Eu descobri que para aprender é bom fazer amizade com meus colegas de sala.

Depois de cada aula que passa eu tiro dúvidas com os colegas e os professores. Hoje melhorou muito a minha compreensão na sala de aula. Gostaria de agradecer à todas as pessoas que me ajudam tanto com ideias e conselhos, como financeiramente e com a minha estadia.

Trecho de Superar Dificuldades, por E. M. C.

Apesar dos esforços iniciais de todo o grupo, o sítio não teve grande repercussão. O grupo como um todo foi se dispersando ao longo do semestre seguinte da atividade e não houve participação dos alunos na alimentação do blog. Contudo, acreditamos que a efetivação desta atividade pode dar início à construção de um patrimônio cultural imaterial.

Segundo Fonseca (2000), o patrimônio brasileiro não deve se restringir aos monumentos materiais, aos testemunhos da história oficial reconhecidos pelas elites, mas

deve incluir também manifestações esculturais representativas para os outros grupos que compõem a sociedade brasileira: os índios, os negros, os imigrantes e as classes populares em geral.

Uma dificuldade encontrada pelos alunos é a necessidade de referenciar as fontes dos seus textos quando esses são coletados na internet, como quando decidem falar de dados objetivos, como a diversidade biológica da África; ainda que tenhamos sempre reforçado a importância de citar as fontes, as formas utilizadas são equivocadas e fogem à norma, como podemos constatar no trecho abaixo:

Palanca Negra é o nome do animal que só existe em Angola; o mesmo é o símbolo do país e também é o apelido dado a um time de futebol angolano.

Texto baseado em informações situadas em:

www.cbd.ind www.companhiadasletras.com.br

Trecho de Singularidades da África por E. S.

6. Considerações Finais

A produção de informação por meio da pesquisa e documentação sobre os bens e práticas realizadas por determinados grupos tem um valor importante. Visa-se, com isso, a construção de um sistema referencial da cultura daquele contexto. Esse processo aporta um benéfico sistema de diálogo, no qual todos ganham: pesquisadores e membros da comunidade realizam enriquecedoras trocas; já para os agentes externos, valores outrora desconhecidos ampliarão seus conhecimentos e a compreensão do patrimônio cultural; para os habitantes da região, esse contato pode constituir a chance de recuperar e valorizar seu acervo de bens culturais, incorporados no desenvolvimento da comunidade (FONSECA, 2000).

Creemos que esforços dessa natureza aumentam a possibilidade de acesso à escrita e a uma formação consistente para os grupos que se inserem na universidade pelas Ações Afirmativas, aprofundando o diálogo entre alunos e professores, aumentando o espaço dos primeiros para expressar os saberes e práticas na instituição de ensino em que se inserem (CARON; BRACCIALI, 2010).

Ao pensarmos sobre os desafios do ensino superior, propomos a construção de uma nova relação com a universidade, que exige a revisão das ações no ensino superior vigente, que abranja uma reforma nas políticas de curto, médio e longo prazo; contemplar as especificidades e torná-las políticas públicas; buscar mecanismos que viabilizem a construção de políticas de desenvolvimento junto com democracia e justiça social. A instituição necessita atender à diversidade cultural brasileira, priorizando uma formação acadêmica mais humana.

7. Referências

ALMEIDA FILHO, J. C. P. Aprendizagem e ensino de línguas em contextos tecnológicos. In: Reverte – Revista de Estudo e Reflexões Tecnológicas da Faculdade de Tecnologia de Indaiatuba, nº 6, 2008.

ARRUDA, E. P. Relações entre tecnologias digitais e educação: perspectivas para a compreensão da aprendizagem escolar contemporânea. In: FREITAS, M. T. de A. (Org.) Cibercultura e formação de professores. Belo Horizonte: Autêntica, 2009, p. 13-22.

BAGNO, M.; RANGEL, E. de O. Tarefas da educação linguística no Brasil. Revista Brasileira de Linguística Aplicada. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, v. 5, n. 1, 2005, p. 63-81.

BONILLA, M. H. S. Escola aprendente: comunidade em fluxo. In: FREITAS, M. T. de A. (Org.). Cibercultura e formação de professores. Belo Horizonte: Autêntica, 2009, p. 22-45.

CAJUEIRO, Rodrigo. Os povos indígenas em instituições de ensino superior públicas federais e estaduais do Brasil: levantamento provisório de ações afirmativas e de licenciaturas interculturais. Trilhas de Conhecimento, 2008.

CARON, M. F.; BRACCIALI, M. Experiência de Ensino de Português Brasileiro Para Indígenas e Africanos. In: Revista SIPLÉ – Sociedade Internacional de Português Língua Estrangeira. Ano 1, nº 1. Brasília, 2010.

CORDEIRO, M. J. de J. A. Ações afirmativas: políticas de acesso e permanência nas instituições de ensino superior. In: Política & Trabalho - Revista de Ciências Sociais. n. XX, 2010, p. 97-115.

FERNANDES, H. L. et al. Estudantes indígenas na universidade e o pensamento abissal. IX Congresso de Extensão, Universidade Federal de São Carlos, 2013.

FONSECA, M. C. L. Referências Culturais: Base para novas políticas de patrimônio. IPHAN. Manual de aplicação do INRC. Brasília: MinC, 2000. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/politicas_sociais/referencia_2.pdf>. Acessado em: 30 jan. 2014.

GARBIN, E. M. Cultur@s juvenis, identid@des, internet: questões atuais? In: Revista Brasileira de Educação, n. 23, maio / jun. / jul. / ago. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-24782003000200009&script=sci_arttext>. Acesso em: 22 jan. 2014.

JOHNSON, S. A cultura da interface. Rio de Janeiro: Zahar, 2001, p. 77-84.

_____. Surpreendente! A televisão e o videogame nos tornam mais inteligentes. Rio de Janeiro: Campus, 2005.

KOMESU, F. C.. Entre o público e o privado: um jogo enunciativo na constituição do escrevente de blogs da internet. 2005. 269 p. Tese de Doutorado em Linguística – Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

_____. Blogs e as práticas de escrita sobre si na internet. In: MARCUSCHI, L. A. & XAVIER, A. C. (orgs.) Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004, p.110-119.

LEMOS, M. Seu blog não é NADA na blogosfera. Disponível em: <<http://www.ferramentasblog.com/2012/04/seu-blog-nao-e-nada-na-blogosfera.html>>. Acesso em: 23 jan. 2014.

LÉVY, P. Cibercultura. Tradução de Carlos I. da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999.

_____. A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço. São Paulo: Loyola, 1998. 212 p.

_____. As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997.

PAZ, C. R. A cultura Blog: questões introdutórias. Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia, v. 1, n. 22, 2005, p. 66-72.

SILVA, M. Infoexclusão e analfabetismo digital: desafios para a educação na sociedade da informação e na cibercultura. In: FREITAS, M. T. de A. (Org.) Cibercultura e formação de professores. Belo Horizonte: Autêntica, 2009, p. 75-86.

VIEIRA, M. A. N. Educação e Sociedade da Informação: Uma perspectiva crítica sobre as TIC num contexto escolar. Tese de Mestrado. Universidade do Minho: Braga, 2005.